

# Narrativas de identidades no conflito israelo-palestino: experiências de palestinidade em Joe Sacco

## Narratives of identity in Israeli-Palestinian conflict: Experiences of Palestinianess in Joe Sacco

Vinícius Pedreira Barbosa da Silva<sup>1</sup>  
pedreirabarbosa.vinicius@gmail.com

Célia Maria Ladeira Mota<sup>1</sup>  
cladmota@gmail.com

### RESUMO

Neste artigo, propomos uma reflexão, por meio de conceitos dos estudos culturais e de um viés narratológico, acerca de representações de identidade palestina nas produções de jornalismo em quadrinhos de Joe Sacco, *Palestina* (2011) e *Notas sobre Gaza* (2010). Dentro das narrativas visuais analisadas, enfocaremos a problemática do controle do Estado israelense em áreas palestinas e nos Territórios Ocupados, questões sobre fronteiras – com bloqueios e postos de verificação – além da ressignificação de carteiras de identidade e prisões arbitrárias como elementos de reafirmação de palestinidade.

**Palavras-chave:** jornalismo, quadrinhos, identidade, Palestina, representações.

A questão de identidade palestina, que também chamaremos de palestinidade neste artigo, perpassa as diversas narrativas sobre o confronto israelo-palestino desde suas origens. Portanto, buscamos refletir neste trabalho acerca de alguns dos sentidos de compartilhamento do que é ser palestino contemporaneamente, sem

### ABSTRACT

In this article we aim to discuss, through concepts of cultural studies and a narratological approach, about Palestinian identity representations in Joe Sacco's comics journalism productions, *Palestine* (2011) and *Footnotes in Gaza* (2010). Within the visual narratives analyzed, we will focus on the question of Israeli state control over Palestinian areas and the Occupied Territories, issues about borders – with blockades and checkpoints – as well as the ressignification of ID cards and arbitrary prisons as elements of Palestinianess' reaffirmation.

**Keywords:** journalism, comics, identity, Palestine, representations.

negar as diferentes características de heterogeneidade de experiências, elementos culturais e pessoais.

Para tanto, vemos as publicações de jornalismo em quadrinhos de Joe Sacco sobre a Palestina como produções que trazem questões sobre identidade palestina a partir das experiências de vida em áreas palestinas e nos

<sup>1</sup> Universidade de Brasília, Instituto Central de Ciências Norte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, 70910-900, Brasília, DF, Brasil.

Territórios Ocupados por Israel desde a Guerra dos Seis Dias<sup>2</sup>, em 1967, refletidos nas pesquisas do autor na região durante o inverno de 1991 e 1992 – período da Primeira Intifada<sup>3</sup> (1987-1992) – e, depois, na Segunda Intifada (2000-2005). A primeira viagem resultou em *Palestina* (2011), enquanto a segunda deu origem a *Notas sobre Gaza* (2010)<sup>4</sup>.

É importante frisar, por sua vez, que este conflito de longa duração não tem origens bíblicas como muitos proclamam, mas é fruto de um período relativamente recente – final do século XIX e início do XX – quando o Império Otomano encarou seus últimos momentos de dominação da região, sob seu controle desde o século XVI.

Neste contexto, o Império já vivenciava ameaças de movimentos nacionais embrionários em seus domínios, além do fortalecimento de interesses de governantes locais e das forças imperialistas europeias na área. Segundo estimativas, cerca de 500 mil pessoas já viviam nas terras palestinas, falantes do árabe e de maioria muçulmana, além de 60 mil cristãos (de variadas afiliações) e 20 mil judeus (Pappe, 2004, p. 596).

Apesar do longo período de controle imperial, era possível perceber a utilização das palavras ‘palestinos’ e ‘país’ em contraposição aos otomanos, inclusive na imprensa local. Como exemplo, podemos lembrar que o jornal *Filastin* já trazia o significado de Palestina em seu nome e a consequente identificação com a terra de origem, traduzindo fatores de identidade em termos de lealdades locais (cidades e vilas) e regionais (Khalidi, 2010).

Dessa forma, elementos de identidade palestina já produziam-se através de um senso intrincado de variados níveis, seja islâmico ou cristão, otomano ou árabe, local ou universal, familiar ou tribal. Tais sobreposições ajudaram e ajudam na construção de “como palestinos vieram a definir a eles mesmos como povo” (Khalidi, 2010, p. 869), com diferentes níveis de compartilhamento e multifacetação de identidades.

Em meados do século XIX surge o movimento político conhecido como sionismo. Entre suas principais

questões, encontrava-se uma visão nacionalista para a necessidade de autodeterminação do povo judeu e existência de um Estado nacional judaico, de preferência na Palestina – embora tivesse sido levantada a possibilidade de construção de colônias judaicas na América do Sul e África do Sul (Said, 2012), por exemplo.

O desenvolvimento deste movimento político-ideológico aparece como um fenômeno europeu, fruto do viés modernizante da época, aliado a uma abordagem política e colonialista. Segundo Rosemary Sayigh, o sionismo era justificado para “[...] além da ideia de cunho bíblico do “retorno” – [e] empregou assertivas de superioridade civilizacional tiradas do vocabulário do colonialismo” (2015, p. 55). Dessa forma, líderes sionistas frequentemente recorreram a governos ocidentais para apoio, com a justificativa de que Israel serviria a interesses ocidentais no Oriente Médio.

Dessa forma, por um viés ocidental colonial, o sionismo apontava que “[...] a Palestina necessitava de desenvolvimento, civilização e reconstrução; que o sionismo traria, finalmente, conhecimento e progresso onde eles não existiam” (Said, 2012, p. 68). Em outras palavras, a posição em relação aos habitantes da Palestina era de que eles eram “incivilizados”, “primitivos” e necessitavam ser “civilizados”.

Nesse sentido de ocupação territorial, o movimento sionista trazia duas alternativas: a via da transferência e a via sul-africana. A primeira dizia respeito à conquista da terra, como o nome sugere, por transferência e remoção total dos residentes ou, pelo menos, sua maioria, de forma a criar contingente maior judaico. Embora existisse a retórica de convivência com o povo da região, havia, na realidade, uma tendência de expulsão (Finkelstein, 2005, p. 15). A segunda opção, pela via sul-africana, era de construir “um Estado de apartheid, com uma minoria de colonos dominando uma grande maioria explorada de nativos” (Morris in Finkelstein, 2005, p. 14).

Com o crescimento da perseguição aos judeus e massacres dessa população na Polônia, Rússia e Romênia

<sup>2</sup> Acontecimento chamado pelos palestinos como *al-Naksa* – o Revés.

<sup>3</sup> O significado da palavra *intifada*, em árabe, significa literalmente ‘insurreição, revolta’. Foi, assim, um movimento de resistência civil nacional palestina dentro dos Territórios Ocupados, essencialmente popular e sem lideranças definidas, contra a contínua situação de ocupação israelense.

<sup>4</sup> *Palestina* (2011) foi produzida inicialmente em nove fascículos para a revista *Yahoo*, entre 1993 e 1995, tendo sido compilada em formato de livro em 1996, ano no qual recebeu o *American Book Award*, consagrando sua trajetória editorial. É o primeiro trabalho que o autor denomina *comics journalism* (jornalismo em quadrinhos). No Brasil, inicialmente a publicação foi dividida em dois volumes distintos – *Palestina: Uma nação ocupada* (2000) e *Palestina: Na Faixa de Gaza* (2003) – agrupados depois em uma edição especial, em 2011. Já *Notas sobre Gaza* (2010) foi publicada diretamente em forma de livro-reportagem, sendo vencedora do *Eisner Award* e *Ridenhour Prize*, ambos em 2010.

nos anos 1880, também aumentaram as ondas imigratórias para a Europa, EUA e Palestina. Para esta última região, os movimentos ficaram conhecidos como Primeira *Aliya*, na qual a maioria dos imigrantes fazia parte do movimento Amantes de Sion, fundando assentamentos agrícolas comunitários chamados de *kibbutz*. Esta primeira migração ainda não trazia um ideário sionista consolidado (Neto, 2015), mas se juntarmos os números migratórios deste primeiro período com a Segunda *Aliya* (de 1905 a 1914), percebe-se um salto demográfico da população judaica na Palestina, indo para 85 mil.

A maior diferença entre os dois movimentos de migração (Primeira e Segunda *Aliya*) era de que, no segundo momento, os imigrantes judeus, em especial da Rússia, estavam politicamente mais engajados com o sionismo do que os seus predecessores, apoiando a futura criação do Estado de Israel, por meio da “conquista do trabalho” e “conquista do solo” (Khalidi, 2010, p. 2761). Isso significava substituir os trabalhadores árabes-palestinos por judeus e utilizar da força para conquistar a terra, aumentando as reações de insatisfações palestinas.

Após o caso Dreyfus<sup>5</sup>, o principal intelectual da época a pensar o sionismo, Theodor Herzl, passou a acreditar que a única solução para os judeus era construir uma nova nação em Sion – daí a origem do nome ‘sionismo’ –, ou seja, a terra prometida por Deus, Israel (Eretz Israel), apontada como sendo na Palestina.

Trazendo uma ênfase narrativa da terra prometida na Palestina, ancestral para judeus, tendo Jerusalém como capital – visto com importância simbólica –, reavivou-se seu valor político e econômico contemporâneo (Halliday, 2016) a uma região que era uma unidade sem grande influência nos séculos anteriores de domínio otomano.

Com o lema sionista “uma terra sem povo para um povo sem terra”, buscava-se, portanto, passar a ideia de que a Palestina era um território sem população nativa, fator ainda hoje invocado. Em 1969, por exemplo, a então primeira-ministra israelense Golda Meir afirmou a não existência dos palestinos. Contudo, em 1976, em artigo no *The New York Times*, Meir voltou atrás e disse que, na realidade, só existiam “refugiados palestinos” (Meir in Neto, 2015, p. 91). Mesmo confirmando a existência palestina, tal afirmação visava reforçar a narrativa de que, na realidade, essa população não teria raízes naquela região específica.

Para o pensador palestino Edward Said, assim, deve-se entender a disputa entre palestinos e sionistas como uma “luta entre uma presença e uma interpretação” (Said, 2012, p. 10). Em outras palavras, como apontado, os árabes-palestinos que se encontravam na região estavam presentes antes do movimento sionista, que, por sua vez, reivindicava um território no qual judeus ainda não eram maioria.

Dessa forma, apesar do discurso de que os palestinos seriam facilmente absorvidos por seus vizinhos árabes, não foi o que aconteceu. E as reivindicações políticas e identificações como palestinos por parte desse povo continuariam a existir. Afinal de contas, para os palestinos, apesar de muitos se identificarem como árabes, “não somos simplesmente árabes. Somos exilados e, no entanto, somos hóspedes tolerados em certos países de nosso exílio [...]” (Said, 2012, p. 141).

O conturbado governo otomano estava cada vez mais marcado por disputas territoriais, em especial na questão dos Bálcãs e tentativas de regiões árabes em ganhar mais independência dentro do sistema de governo (com consequente crescimento do nacionalismo árabe). Com a chegada da I Guerra Mundial e a consequente derrota do Império Otomano ao lado da Alemanha e Império Austro-Húngaro, em combate contra Reino Unido, França e Império Russo, observou-se o golpe final para o desmantelamento do Império Otomano.

Isso porque o Acordo Sykes-Picot, de 1916, inicialmente secreto, apontava a divisão do *Mashreq* (Síria, Iraque, Palestina, Jordânia, Líbano e Egito) em zonas de influência e controle direto da França e Grã-Bretanha. Com a partilha da região após a Conferência de Paz de Versailles, em 1919, na qual cria-se um novo tipo de colonialismo no *Mashreq*, chamado de mandato (Sayigh, 2015, p. 59), origina-se o Mandato Britânico na Palestina.

Este sistema de governo foi oficializado com a Conferência de San Remo (1920) e chancelado pela Liga das Nações em 1922, enquanto a Declaração de Balfour, de 1917, oficializava o apoio britânico à criação de um estado nacional judaico na Palestina. Tais acontecimentos agora colocavam a essência de Balfour em termos de uma lei internacional – assim como o sionismo já queria anos atrás. Embora enfrentasse revoltas – inclusive de cunho nacionalista –, greves e boicotes por parte dos palestinos,

<sup>5</sup> Alfred Dreyfus (1859-1935) foi um oficial francês de origem judaica acusado, em 1894, de traição. Ele foi apontado como o responsável pelo vazamento de dados militares sigilosos aos alemães. A acusação era insatisfatória e deu-se principalmente por motivos antissemitas e documentos que, depois, provaram-se falsos.

o governo britânico manteve-se fiel à promessa do lar para os judeus.

Todos estes eventos culminariam na posterior criação do Estado de Israel, em 1948 – somados à II Guerra Mundial e horrores do holocausto –, e no acirramento das disputas. De qualquer maneira, um elemento muito forte nas narrativas de uma nação palestina é a interrupção, de forma traumática, do contato com sua terra provocado pela *nakba*<sup>6</sup> – criando-se a questão da diáspora<sup>7</sup> (atualmente, cerca de metade dos palestinos vive fora da Palestina Histórica) e dos refugiados.

O advento da ‘catástrofe’ na memória coletiva palestina e a condição do exílio entre refugiados trouxe uma experiência compartilhada de perda e medo de apagamento de suas identidades, influenciando no conceito de existência como resistência – chamado de *sumud*. Se procurarmos outra perspectiva, o termo também pode ser relacionado à identidade de resistência<sup>8</sup>.

Como procuramos demonstrar, embora alguns autores afirmem que o sionismo tenha ajudado na formação de duas nações (Demant, 2002), isto é, israelenses e palestinos, pode-se apontar a existência de um senso de identidade palestina multifacetado anterior à resposta ao movimento político sionista (Khalidi, 2010; Pappe, 2008), dentro de um cenário menos simplista.

Desse modo, entendemos as identidades como construções tanto simbólicas quanto sociais, trazidas pela questão da identidade e diferença (Woodward, 2014). Ou seja, identidades são relacionais, de forma a apontar quem pode ser incluído ou excluído. Com isso, para existirem, também pressupõem-se outras diferentes da sua, situação sustentada pela exclusão. A um ‘nós’ sempre relaciona-se a um ‘eles’, ou seja, necessita-se da alteridade.

Assim, a relação entre palestinos e otomanos e palestinos e britânicos, por exemplo, já produzia elementos de palestinidade. Contudo, é importante ressaltar, as identidades não são ‘essências’, ‘homogêneas’ e são ativamente produzidas e criadas dentro de relações culturais e sociais, históricas, simbólicas e discursivas. Dessa forma, elas não podem ser compreendidas fora de processos de

significação e representações, pois estes lhes dão sentidos. Ou seja, seus significados estão sempre em processo, sujeitos a deslizamentos, sendo indeterminados, instáveis e contraditórios, disputados por relações de poder (Hall, 2014; Silva, 2014).

Podemos acrescentar que, no caso dos palestino(a)s, para além de ‘comunidade imaginada’ (Anderson, 2008), ser parte de uma nação palestina é uma experiência de vida concreta da história, trazendo uma identidade multifacetada com elementos diaspóricos de um povo exilado e expropriado, com características transnacionais e extra-territoriais (Said, 2012), aliadas a vivências e concepções compartilhadas sobrepostas a manifestações singulares (Schiocchet, 2015), mantendo-se suas identificações em constante construção e reconstrução acerca do que é ser palestino(a).

## A situação das fronteiras

A experiência de vida palestina, assim, é marcada pela descontinuidade e dispersão ao longo da história, separando famílias e a comunidade tanto ao redor do mundo como nos territórios palestinos. Nas palavras de Edward Said, identidade palestina é marcada pela instabilidade de sua geografia e pelos “arranjos artificiais e impostos, de interrupção, ou espaços de confinamento, por deslocamentos e ritmos não sincronizados de tempo perturbado” (1999, p. 20, tradução nossa).

Esta concepção descreve muito bem a diferenciação de tratamentos e vigilância a que os palestinos são submetidos diariamente. Ao longo de *Palestina* (2011), as questões sobre as fronteiras e bloqueios são mostradas de forma sutil, mas suas recorrências ganham um episódio específico. Intitulado “Bloqueio” (Sacco, 2011, p. 273-275), o trecho de três páginas narra a tentativa de Sacco em chegar em Jenin para um compromisso (Figura 1).

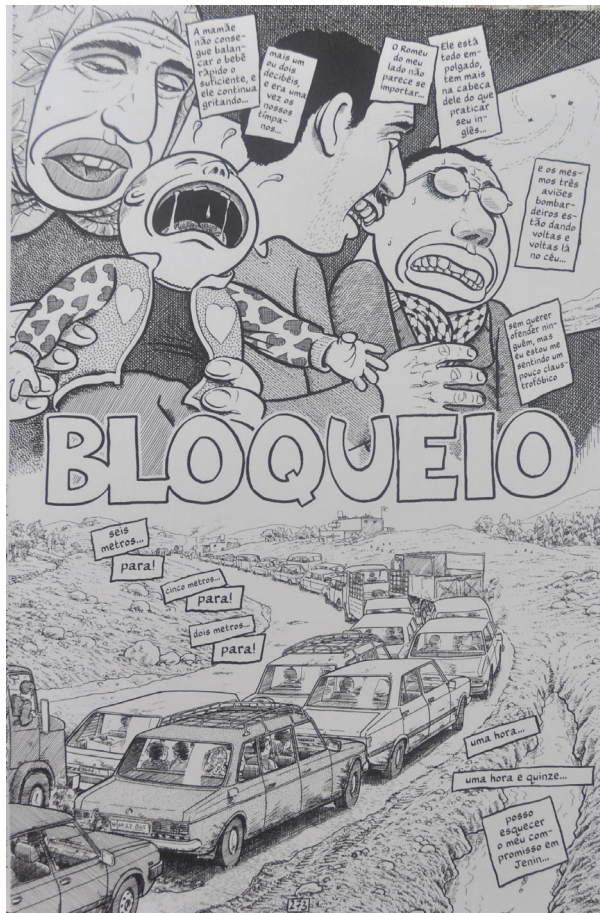
Mas, por causa do assassinato de três soldados israelenses na noite anterior, o exército fechou a estrada para procurar os assassinos. E, nessa busca, qualquer palestino é considerado suspeito, o que pro-

<sup>6</sup> Para os palestinos, o advento da *nakba* – a grande catástrofe –, é a perda da sua terra natal e início da sua diáspora, quando mais de 700 mil palestinos, de todas as classes sociais, saíram do seu território de origem (Sayigh, 2015).

<sup>7</sup> Um termo árabe utilizado por palestinos e carregado de sentimentos próximos a “saudades” da terra natal, a qual encontra-se distante por causa da diáspora, é *ghurba* (Schiocchet, 2015).

<sup>8</sup> Cf. Manuel Castells: “criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade [...]” (2013, p. 24).





**Figura 1.** Palestinos e os bloqueios.  
**Figure 1.** Palestinians and the blockades.

Fonte: Sacco (2011, p. 273).

duz sentimentos compartilhados de humilhação, com a agressividade dos soldados e, consequentemente, o ciclo vicioso do ressentimento provocado pelo conflito.

Tal como discorre Pierre Ansart, portanto, há uma variedade de formas de expressar o ressentimento, com intensidades diversas e graduais. Entre elas, manifestações públicas ou particularizadas por grupos de pessoas oprimidas, de modo a provocar sentimentos compartilhados de hostilidade, sendo “um fator eminente

de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo” (Ansart, 2004, p. 21), gerando identificações coletivas.

O *layout* da primeira página do episódio é dividido ao meio pelo título “Bloqueio”, de forma que são apresentados dois quadros sangrados (sem contorno), simétricos. Na parte superior, somos situados no interior do táxi de Sacco. Os traços têm forte característica dos quadrinhos *underground*<sup>9</sup> norte-americanos para aumentar a expressividade psicológica do narrador-personagem.

Ele está acompanhado por uma mãe e um bebê que não para de chorar, além de um homem que tenta treinar seu inglês, enquanto, pela janela do carro, vemos três bombardeiros no céu. A combinação de todos esses elementos e o ombro curvado da figura de Sacco dão um clima de aperto e incômodo, traduzido pelo narrador como uma sensação de claustrofobia.

Tal sentimento de confinamento é ampliado pela parte inferior do *layout*, no qual observa-se uma grande fila de carros, todos muito próximos, esperando serem liberados no bloqueio para seguirem viagem. As legendas flutuantes apontam o ritmo interrompido, descrito por Said, da vida palestina, pois, com toda a situação, a movimentação dos veículos e o tempo de trânsito é intermitente: “seis metros... para! Cinco metros... para! Dois metros... para! Uma hora... uma hora e quinze... posso esquecer meu compromisso em Jenin...” (Sacco, 2011, p. 273).

Na página seguinte, o requadro do centro do *layout* reforça as diferenciações da política israelense e a influência no controle de movimentação dos palestinos pelo território, definindo, por meio da exclusão trazida pela identidade e diferença, quem seria palestino:

*[...] Seis metros... para! Um metro... para! Vinte centímetros... para! Os colonos que têm chapa amarela passam direto por nós... bloqueios na estrada são para chapas azuis, carros da Cisjordânia, palestinos... (Sacco, 2011, p. 274, grifo do autor).*

No fechamento do trecho, o narrador-personagem explicita seus receios em ser escolhido para a revista dos

<sup>9</sup> Com a contracultura dos anos 1960, esta escola ganhou força, trazendo inovações nas temáticas e narrativas dos quadrinhos, mais experimentais. Influência para muitos artistas (inclusive Sacco), o *underground* trouxe histórias com sexo, drogas, palavrões e violência, ou seja, produções mais escrachadas e cruéis, também com críticas sociais e representações do cotidiano, realistas. No geral, as produções incorporam uma estética em preto e branco, utilizando-se de um estilo pictográfico *bigfoot* (pé-grande), caricatural. Tais mudanças abriram espaço para o maior desenvolvimento dos quadrinhos de não-ficção (autobiográficos, memórias, históricos, reportagens, etc.).

soldados. Sendo jornalista, ele tem dados e anotações que poderiam prejudicar seus entrevistados. Sua autor-representação segue um estilo cartunesco<sup>10</sup> e, neste caso, expressa a tensão do momento. No entanto, o táxi não é revistado nem parado e segue seu rumo, trazendo alívio a um exultante narrador: “Eu sou o rei dos bloqueios!”.

Embora tanto a viagem de Sacco em *Palestina* (2011) quanto as palavras de Said façam parte de um cenário anterior à criação dos postos de verificação<sup>11</sup> israelenses, já representam bem os desafios palestinos em deslocar-se de uma região a outra. Nesse mesmo sentido, de acordo com Rashid Khalidi, é possível dizer que

*A mais típica experiência palestina, a qual ilustra algumas das questões mais básicas levantadas pela identidade palestina, acontece em uma fronteira, um aeroporto, um posto de controle: em resumo, em qualquer uma dessas modernas barreiras onde identidades são checadas e verificadas. O que acontece aos palestinos nesses locais de passagem traz para eles o quanto eles compartilham em comum como povo. Pois é nessas fronteiras e barreiras que seis milhões de palestinos<sup>12</sup> são escolhidos para “tratamento especial” e são fortemente lembrados de suas identidades: de quem eles são, e do porquê eles são diferentes de outros (2010, p. 774, tradução nossa).*

Portanto, é com a criação dos postos de verificação decorrentes dos Acordos de Oslo (tratativas sobre a paz nos anos 1990), que se acrescentou mais uma forma de controle israelense sobre o direito de livre circulação palestina, junto com os toques de recolher, bloqueios, muros

e cercas. Seja em Israel, dentro das áreas palestinas ou nos Territórios Ocupados, a pesquisadora Helga Tawil-Souri aponta que a maioria desses postos têm a “função de separar áreas palestinas, segregar e fragmentar a nação, isolar indivíduos e comunidades, os quais ficam aprisionados por detrás e entre eles” (2009, p. 221).

Com a Primeira e Segunda Intifadas, o sistema de permissões para locomover-se intensificou sua burocracia, prejudicando a sociedade palestina em termos econômicos e políticos. Deliberadamente, Sacco demonstra esta prática excludente logo na página 7 de *Notas sobre Gaza* (2010), quando tenta entrar na Faixa de Gaza pela passagem de Erez<sup>13</sup>.

Na ocasião, ele tinha acabado de ter sua credencial de imprensa negada pelo Centro de Apoio à Imprensa Estrangeira, porque seu projeto não se encaixaria na “categoria de cobertura em tempo real”. No entanto, ao utilizar seu passaporte maltês, representado na cena, ele é liberado sem muitos problemas pelas Forças de Defesa de Israel. Essa facilidade não é encontrada pelos palestinos em sua própria terra natal, pois geralmente sofrem com a exclusão e negativas simplesmente por, contraditoriamente, serem palestinos, em uma forma de reforço de sua identidade sempre questionada.

Os postos, por sua vez, possuem formações e funções variadas, podendo ser diferenciados, geralmente, em: postos volantes (móveis); postos internos (dentro dos territórios palestinos, impedindo que movimentem-se nas próprias áreas) ou externos (fronteiras com outros países); aqueles operados remotamente; torres de vigia; e os que funcionam em estradas bloqueadas por blocos de cimento para controlar o fluxo de movimento (Tawil-Souri, 2011b, p. 6)<sup>14</sup>.

Embora Israel não os considere lugares oficialmente sob sua responsabilidade legal e, tampouco, um

<sup>10</sup> Os exageros nos traços, empregados principalmente no início de *Palestina* (2011) começam a assumir uma abordagem “mais sóbria das expressões dos entrevistados” (Neco, 2010, p. 129) ao longo da obra e nas próximas produções jornalísticas do autor, como em *Notas* (Sacco, 2010), por exemplo. Assim, com o desenvolvimento do seu estilo e métodos de reportagens em quadrinhos, a técnica cartunesca continuará a ser mais utilizada na autorrepresentação do narrador-personagem no enredo (influência também da fase autobiográfica de Sacco). Entendemos tal escolha como fator estilístico para demonstrar que ele não faz parte dos locais que está pesquisando, não é um nativo, não se encaixa perfeitamente – em contraposição aos desenhos mais cuidadosos com detalhes e particularidades dos entrevistados e, principalmente, do ambiente; uma forma de dar visibilidade ao cotidiano dos personagens, materializar os testemunhos em zonas de conflito (muitos deles provenientes de traumas) e dos espaços frequentados nas reportagens (Pedreira, 2017).

<sup>11</sup> *Chekpoin*ts em inglês e *hajiz* em árabe.

<sup>12</sup> Segundo o *Palestinian Bureau of Statistics* (dados de 2010), a demografia palestina atualmente consolida-se da seguinte maneira: dentre os 10.972.158 de palestinos do mundo, 37,5% reside na Palestina Histórica, 12,4% em Israel, 44,4% em países árabes e 5,7% em outras localidades (Schiocchet, 2015).

<sup>13</sup> Estabelecido em 1994, Erez é o único ponto de passagem entre Israel e Faixa de Gaza aberto para pedestres e veículos não-comerciais.

<sup>14</sup> É praticamente impossível mapear a quantidade e todos os tipos de postos de verificação, pois, ao longo do tempo, eles podem crescer ou diminuir. Segundo dados de 2007 do United Nations Office for the Coordination of Human Affairs, apenas na Cisjordânia existiam 588 postos de verificação (a maioria dentro de áreas palestinas e não em fronteiras com Israel – que seriam de apenas 08 casos). Por outro lado, nos anos 2000, havia cerca de 215 postos permanentes na Cisjordânia (Tawil-Souri, 2011b).



espaço soberano ou locais palestinos, os postos podem ser descritos como espaços-vazios (*bare-spaces*), outras vezes chamados não-lugares (*nonplace*) ou espaços de transição (*in-between-ness*) (Tawil-Souri, 2011b)<sup>15</sup>, tendo um papel simbólico importante como parte de identidade palestina, seja dentro dos Territórios Ocupados, palestinos ou na diáspora, pois

*Eles forçam os palestinos a se atentar, literalmente, contra a perda de controle sobre a própria terra, sobre os próprios movimentos e tempo, sobre o fluxo de corpos, bens e capital. Eles são espaços onde a “identidade oficial” palestina e mobilidade é controlada e determinada por forças israelenses, operando como legados contemporâneos da Nakba [...] e ocupação israelense (Tawil-Souri, 2011b, p. 22, tradução nossa).*

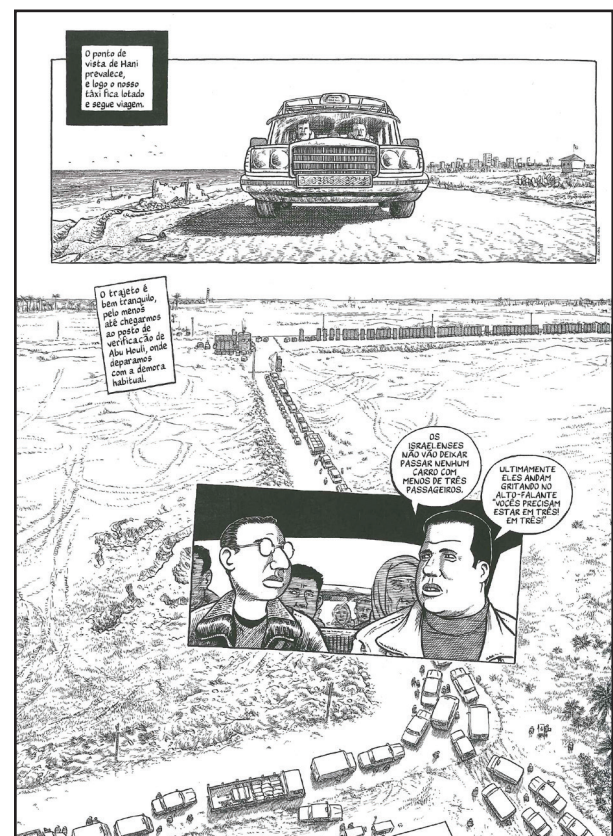
Em *Notas* (2010), fazendo um paralelo com os sentimentos claustrofóbicos do episódio “Bloqueio” de *Palestina* (2011), analisado acima, Sacco retrata parte da sua experiência no posto de verificação Abu Houli, em Gaza. Significativamente intitulado “Claustrofobia” (Sacco, 2010, p. 125-135), o mini-capítulo faz parte do capítulo “Celebração”. Tal título faz alusão, novamente, à sensação de confinamento frequente a que os palestinos vivenciam – é comum, inclusive, eles dizerem que vivem em prisões à céu aberto (Mabilia, 2013), por causa da constante dificuldade de (i)mobilidade.

Portanto, a sensação incômoda vivenciada pelo narrador-personagem nesses espaços é compartilhada por todos os palestinos cotidianamente, de modo a ressignificar os postos como símbolos de palestinação e lembretes de suas contradições. Nesse sentido, o simples fato de atravessar tais locais significa um grande acontecimento, tanto individual quanto coletivamente.

*[...] existe uma compreensão coletiva de que os postos de controle estão lá para parar a vida, destruir meios de subsistência e educação e, em última análise, derrotar a vontade de uma nação. Assim, simplesmente continuar a atravessá-los torna-se codificado não como uma experiência individual de vitimização, mas como parte de um ato coletivo de desafio e, finalmente, de resistência nacional (Hammami in Tawil-Souri, 2009, p. 230, tradução nossa).*

Em “Claustrofobia”, o narrador-personagem explica que, para poder utilizar os computadores e o fax do escritório do trabalho para inscrever-se em cursos MBA no exterior, Abed (guia e intérprete de Sacco na narrativa) e ele precisam deslocar-se constantemente entre Khan Younis e a cidade de Gaza. Assim, era necessário passar por esse posto de verificação, quando “a espera pode se limitar a dez minutos, ou então se estender por tempo indeterminado” (Sacco, 2010, p. 131).

Na página 128 (Figura 2), o *layout* produzido por Sacco conta com dois requadros menores e uma panorâmica aérea. O primeiro quadro apenas faz o leitor acompanhar o táxi, enquanto a imagem maior descreve a topografia da região, sangrada em 2/3 da composição imagética. Podemos, então, perceber o tamanho da fila de



**Figura 2.** Postos de verificação israelenses.  
**Figure 2.** Israeli checkpoints.

Fonte: Sacco (2010, p. 128).

<sup>15</sup> Termos foram traduzidos livremente pelo autor.

carros na espera de autorização para atravessar a fronteira, interrompendo o fluxo do tempo e da vida palestina. No quadro flutuante do meio (representando o interior do táxi), somos informados por Abed que é necessário mais de três passageiros para ter alguma chance de ser liberado.

Após essa informação, na página seguinte, vemos diversas crianças circulando próximas aos motoristas para, por um *shekel*, completar o requisito do número de pessoas exigido por veículos. O último requadro da composição mostra um taxista tenso, pronto para passar pela verificação dos soldados – “ele precisa se concentrar”, diz a voz incorpórea de Sacco. Na sequência narrativa do trecho, o próximo *layout* começa com três quadros de mesmo tamanho.

Primeiramente, vemos apenas uma mão de soldado na janela da torre de vigia e, no quadro seguinte, o rosto do motorista com expressão de medo para, então, no terceiro requadro, com um aceno de mão vindo da torre, serem liberados. A cena também pode ser entendida como mais uma forma de relação desumanizada entre soldados israelenses e palestinos, por meio da relação desigual de poder entre as partes, existindo uma substituição da interação humana pelo aparato estatal de Israel de monitoramento. Em um fluxo de consciência narrativo, Sacco grita internamente, explicitado visualmente com uma legenda: “Vai!”.

Entretanto, algumas centenas de metros depois, “todo mundo fica quieto de novo” para poderem ultrapassar a segunda torre de vigia. Esta contínua sensação de vigilância, impotência e receio de ser barrado ou preso provoca uma “profunda ansiedade” (Khalidi, 2010, p. 774), compartilhada por palestinos como um elemento de questionamento e, de forma paradoxal, reafirmação de identidade, mesmo expondo-os à possibilidade de assédios, constrangimentos e transtornos nestes não-lugares. Assim, podemos entender que estes espaços fronteiriços e barreiras funcionam não apenas como elementos físicos de controle, mas são também simbólicos, construídos por sensações.

Dessa forma, podem produzir ressentimentos compartilhados coletivamente, criados com as experiências de medo e humilhações, fornecendo pretextos e causas de atos de vinganças (Ansart, 2004, p. 22). E, paradoxalmente, formam sentimentos de pertencimento a uma

mesma nação. Já na página 132 do trecho, por exemplo, os personagens novamente estão de passagem por Abu Houli, mas agora após um ataque suicida palestino contra uma das torres do posto de verificação. Sacco diz que os três palestinos do carro morreram e “alguns soldados israelenses ficaram em estado de choque” (Sacco, 2010, p. 131), mas nada aconteceu com a imponente e onipresente materialidade das torres, intactas à explosão.

De qualquer maneira, as barreiras e postos de checagem, partes do dia a dia palestino, podem ser ressignificadas. É o que podemos apreender tanto das crianças que ganham algum dinheiro para ajudar na travessia quanto dos vendedores circulando entre os carros (um homem vendendo chá é desenhado em dois quadros da página 132, por exemplo).

Assim, as relações sociais e econômicas nesses não-espacos, ainda que restritas pela constante vigilância, são redefinidas como espacos de resistência (Tawil-Souri, 2009). Isso não quer dizer que se deva esquecer as grandes limitações políticas às quais estão implicadas essas relações, mas há, sim, o reforço simbólico desses lugares como questões de palestinidade e de *sumud*.

## Carteiras de identidade

Outra forma de controle do governo israelense dos palestinos é o regime de carteiras de identidades empregado na diferenciação deles nas regiões dos territórios em disputa. As cores<sup>16</sup> da identidade física (*hawiya* para os palestinos) servem como um aparato de ordenação de viés colonialista e de exclusão de pessoas nas fronteiras, assim como de cidadãos. Enquanto todos os judeus-israelenses possuem identidades de cor azul, em qualquer local de residência, inclusive com garantias de emissão do mesmo documento para aqueles que fizerem uso da Lei do Retorno<sup>17</sup>, para os palestinos, as coisas são diferentes.

Após 1948, por exemplo, apenas os palestinos residentes em Israel que tinham como comprovar residência contínua entre 1949 e 1952 poderiam solicitar cidadania israelense, em teoria. Denominados pelo Estado de Israel como árabes-israelenses – uma forma política de negar sua identificação como palestinos –, essa população chamava a si mesma como ‘palestinos de dentro’ ou ‘palestinos de 1948’.

<sup>16</sup> Na realidade, a coloração das carteiras de identidade diz respeito ao porta-documento, de plástico, o qual é solicitado que seja carregado juntamente à identidade. Eles são fornecidos pelo Estado de Israel, portanto não podem ser facilmente ou, ao menos legalmente, substituídos por outra cor (Tawil-Souri, 2011a, 2012).

<sup>17</sup> Para qualquer judeu do mundo que queira ir morar em Israel, ele tem direito a plena cidadania israelense, se quiser.



A estratégia israelense na emissão destes documentos e elaboração desses pré-requisitos era inibir o retorno dos refugiados expulsos ou fugidos durante a *nakba*. Isso porque estes, ao serem considerados “ausentes”, tinham negados o direito à cidadania israelense e possibilidade de retorno. Entre 1952 e 1967, os únicos palestinos com carteiras de identidades eram os moradores dentro de Israel que viviam sob controle militar até 1967. Hoje, estes possuem carteiras azuis como os israelenses, embora existam detalhes diferenciadores entre os tipos de azuis (Tawil-Souri, 2012).

Já os palestinos residentes em Jerusalém Oriental e Cisjordânia, que podiam contar com passaportes jordanianos temporários, hoje apenas possuem documentos de viagem após a separação da Cisjordânia e Jordânia em 1988. Depois da ocupação israelense em 1967, todos os palestinos nos Territórios Ocupados (à exceção de Jerusalém Oriental<sup>18</sup>), por sua vez, tiveram emitidas identidades laranjas ou vermelhas.

Atualmente, as carteiras de identidade azuis estão em hebreu e têm, impresso, o selo do Estado de Israel. Contudo, há uma particularidade no que diz respeito ao espaço destinado à ‘nacionalidade’. Até 2005, os cidadãos israelenses eram identificados como judeus, árabes, drusos ou beduínos. No caso dos palestinos de Jerusalém, a nacionalidade era marcada como árabe, até 2002, com a distinção de cidadania apontada, enganosamente, como jordaniana. Após este período, este campo do documento começou a ser emitido em branco.

A partir de 1988, com a Intifada, qualquer palestino dos Territórios Ocupados que tenha sido barrado de entrar em Israel (geralmente, mas não necessariamente, com registro de prisão prévio) possui uma identidade verde. Nenhum desses documentos – laranja, vermelho ou verde – serve como documentos de viagem ou garantem direitos políticos e qualquer benefício de cidadania. Contudo, facilitam o controle israelense sobre os palestinos.

Desde os Acordos de Oslo, por outro lado, a responsabilidade em emitir os documentos de identidade fica a cargo da Autoridade Palestina, mas todos dependem da anuência israelense, por meio de uma burocracia complexa, obscura e arbitrária. Outras formas de atribuições são pensadas acerca dessa política de diferenciação, mas, de qualquer forma, como tão bem aponta Helga Tawil-Souri,

*As carteiras de identidade são difundidos meios administrativos e burocráticos de limitar e restrin-*

*gir a mobilidade palestina, mas também definir a natureza individual e coletiva das identidades palestinas (2012, p. 13, tradução nossa).*

A relação com os documentos de identidades nos Territórios Ocupados é apresentada em *Palestina* (2011), embora de forma breve. No episódio “Lembre-se de mim” (Sacco, 2011, p. 41-50), capítulo dois, vemos um dos trechos mais densos textualmente da obra de Sacco. Com uma estética próxima ao desenho ilustrativo (Groensteen, 2015, p. 169), o texto sobressai como foco principal, de forma que a imagem tem uma característica mais decorativa e de contemplação, sem influir diretamente no desenrolar da narrativa.

Na página 43 (Figura 3), portanto, vemos a ilustração de dois jovens (sem identificação), um deles mostrando o próprio cartão de identidade, junto com o do amigo, que olha de soslaio, meio desconfiado. Durante o bloco de texto corrido, somos informados do porquê da diferença de reações: “‘Cartão verde: Intifada!’, diz o meu novo amigo, balançando o documento... ‘cartão laranja’: *sem* Intifada, explica, segurando no alto o cartão do amigo” (Sacco, 2011, p. 43, grifo do autor).

Os significados das cores dos cartões, como explicitado brevemente anteriormente, indicam aqueles que estiveram na prisão recentemente (verde) ou não (laranja). Portanto, estes objetos individuais e pessoais, inicialmente utilizados para o controle israelense, são transformados em símbolos coletivos em uma forma de reafirmação de palestinidadade e nível de resistência à ocupação, de *sumud*. Tanto é que o rapaz de cartão laranja, segundo Sacco, sente-se envergonhado e constrangido de não ter sido preso, ainda, por participar da Primeira Intifada, encolhendo-se e corando, enquanto o outro exulta.

Já neste trecho, portanto, percebe-se uma presença muito constante da prisão na experiência de vida das famílias palestinas, de homens ou mulheres. E os motivos de encarceramento são variáveis, inclusive sem motivos aparentes. Como bem pontua o narrador-personagem Sacco:

*[...] ouvi tantos relatos de encarceramento que o que me surpreende é conhecer um homem de 20 e poucos anos que não tenha sido preso nenhuma vez – dá vontade de perguntar por que raios não foi? Não me entenda mal. Não quero banalizar a experiência palestina da prisão... é só que ir para a cadeia é uma parte tão cotidiana da vida aqui que o assunto **iria***

<sup>18</sup> Controlada por Israel, mas reivindicada pela Autoridade Palestina para sediar uma possível capital de um futuro Estado Palestino.



Figura 3. Carteiras de identidade.  
Figure 3. Identity cards.

Fonte: Sacco (2011, p. 43).

*surgir, de alguma forma (não importa com quem eu esteja falando) e de algum jeito (em detalhe ou só por cima) (2011, p. 81-82, grifos do autor).*

Segundo o grupo de direitos humanos B'tselem, 85% dos prisioneiros palestinos já sofreram algum tipo de abuso, tortura física ou moral (privados de dormir, espancamentos, pessoas amarradas em posições desconfortáveis, alimentação precária, etc.). O episódio “‘Pressão Moderada’ – Parte 2” (p. 102-113), capítulo quatro, em *Palestina* (2011), retrata estas situações.

O narrador-personagem conta a história de Ghasan, em um dos momentos estéticos mais interessantes da obra. Com uma dinâmica do uso de requadros cada vez menores ao longo da passagem, eles contam com sarjetas<sup>19</sup> totalmente pretas. Essa escolha estética recria a sensação de trauma, confinamento, medo e delírios (a morte da filha de Ghassan) causados em decorrência das variadas táticas de intimidação que o personagem sofre durante sua retenção.

De acordo com dados de 2008 da ONG Palestine Monitor (Mabilia, 2013), à época da pesquisa eram contabilizados cerca de trinta centros de detenção específicos para palestinos, como Ansar III, inaugurada em 1988 para atender<sup>20</sup> à Primeira Intifada (chegando a ter 6 mil detentos palestinos em novembro de 1991, segundo Sacco). No episódio homônimo, no capítulo quatro de *Palestina* (p. 81-92), a reconstituição estética das lembranças acerca de Ansar apresenta características similares às próximas produções de Sacco, como em *Notas* (2010).

Há, portanto, uma preocupação ética de apresentação dos testemunhos e de identificação dos rostos dos personagens que estão falando em cada momento, em *close-up*, a maioria deles com representações temporais do passado sendo mostradas junto com a narração de cada vivência. Tal questão nos remete a uma característica próxima a um estilo de documentário e a uma faceta de um jornalismo com viés mais objetivo de Sacco.

Em alguns momentos, inclusive, o narrador-personagem opta pela exclusão da sua presença e opiniões, usando as legendas textuais para informar o que foi dito nos depoimentos por meio de um discurso indireto ou, com discurso direto, deixar que os entrevistados relatem suas próprias experiências, ao falarem por si mesmos. Em outros, ele mantém-se presente, mas com uma voz narrativa mais amena do tom fortemente irônico e escrachado apresentado no início de *Palestina*.

Na narrativa do trecho, percebe-se que, dentro de Ansar III (e outras prisões), há uma busca em reforçar identidades de resistência. Diferentemente das frequentes legendas irregulares flutuantes e requadros fortemente inclinados, os quais dão sensação de fotos e bilhetes dispostos como em um diário de viagem, este trecho traz uma estética mais conservadora.

Com blocos de texto e requadros homogêneos e alinhados, traz-se um viés mais informativo e testemunhal

<sup>19</sup> Também podem ser chamadas de calhas, hiatos, não-espacos, entre outras denominações. Significa o espaço entre-quadros das histórias em quadrinhos. A depender do seu uso, o leitor pode interpretar como ideia de movimento, fixação, elipse, tempo etc. Em outras palavras, é um elemento tensionado simbolicamente entre ausência e presença narrativa.

<sup>20</sup> Cf. Sacco (2011, p. 81), foram 90 mil prisões nos quatro primeiros anos da Intifada.

à passagem. Então ficamos sabendo pelas testemunhas entrevistadas que comitês eram constituídos para organizar atividades internas culturais sobre assuntos variados e de desenvolvimento pessoal, como os exemplos da palestra sobre o “movimento de paz israelense” (segundo o personagem entrevistado Iyyad) e cursos de inglês e hebraico, pelos quais, “[...] em três meses, catorze pessoas aprenderam a ler” (de acordo com Yusef) (Sacco, 2011, p. 87).

Todas essas medidas fortaleciam o grau de solidariedade entre os detentos (ainda que tivessem opiniões políticas divergentes) e ajudavam a ocupar o tempo. Para um desesperançoso Yusef, ser preso é, também, uma questão de *sumud*: “Não me importo se eles me prenderem de novo. Não quero ir para a cadeia de novo, mas essa é a nossa vida. O que podemos fazer, a não ser continuar a lutar?”. E, podemos acrescentar, as prisões vistas como experiências de vida para qualquer família palestina, também servem como componentes de expressões de palestinidadade e compartilhamento do sentimento de serem palestino(a)s.

## Considerações finais

Ao vivenciar a realidade cotidiana dos Territórios Ocupados, áreas palestinas e retaliações, Joe Sacco traz questões de vivências do que é ser palestino, com dificuldades de locomoção, além do constante controle do Estado de Israel sobre o dia a dia. De forma contraditória, a atitude de exclusão em regiões de fronteira, prisões, postos de verificação e coloração das carteiras de identidade reforça características compartilhadas de palestinidadade – tanto simbolicamente quanto socialmente –, reafirmando situações de algumas experiências em ser palestino(a) dentro do próprio território, literalmente fragmentado desde 1948 e, depois, ocupado desde 1967. Assim, a partir da materialização dos testemunhos coletados nas reportagens em quadrinhos analisadas, é possível identificarmos novas formas de visibilidade sobre elementos de identidade palestina, além de nuances do conflito israelo-palestino.

## Referências

ANDERSON, B. 2008. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo, Companhia das Letras, 330 p.

ANSART, P. 2004. História e Memória dos ressentimentos. In: S. BRESCIANI; M. NAXARA, *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, Unicamp, p. 15-36.

CASTELLS, M. 2013. *O poder da identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 530 p.

DEMANT, P. 2002. Identidades israelenses e palestinas: questões ideológicas. In: G. DUPAS; T. VIGEVANI, *Israel-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global*. São Paulo, UNESP, p. 201-263.

FINKELSTEIN, N.G. 2005. *Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina*. Rio de Janeiro, Record, 433 p.

GROENSTEEN, T. 2015. *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu, Marsupial Editora, 184 p.

HALL, S. 2014. Quem precisa da identidade? In: T.T. da SILVA (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, p. 103-133.

HALLIDAY, F. 2016. Nationalism in the Arab World since 1945. In: J. BREUILLY (ed.), *The Oxford Handbook of the History of Nationalism*. New York, Oxford University Press, p. 435-453.

KHALIDI, R. 2010. *Palestinian Identity: The construction of modern national consciousness*. New York, Columbia University Press, 8979 p. [e-book].

MABILIA, A. 2013. *Viagem à Palestina: Prisão à céu aberto*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 223 p.

NECO, J. 2010. *Imagem, narrativa e discurso da reportagem em quadrinhos*. Florianópolis, SC. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 159 p.

NETO, L.S. 2015. Inventando nações: notas sobre os nacionalismos judaico e palestino durante o Mandato Britânico (1917-1948). *Revista Espaço Acadêmico*, 172:90-103.

PAPPE, I. 2004. *A History of Modern Palestine: One land, two peoples*. New York, Cambridge University Press, 9759 p. [e-book].

PAPPE, I. 2008. The One Palestine: Past, Present and Future Perspectives. Disponível em: <http://www.nobleworld.biz/images/Pappe.pdf>. Acesso em: 10/10/2016.

PEDREIRA, V. 2017. *Narrativas jornalísticas em quadrinhos: representações de identidade palestina em Joe Sacco*. Brasília, DF. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 203 p.

SACCO, J. 2010. *Notas sobre Gaza*. São Paulo, Companhia das Letras, 417 p.

SACCO, J. 2011. *Palestina: edição especial*. São Paulo, Conrad, 285 p.

SAID, E. 1999. *After the Last Sky: Palestinian lives*. New York, Columbia University Press, 174 p.

SAID, E. 2012. *A questão da Palestina*. São Paulo, UNESP, 307 p.

SAYIGH, R. 2015. Fazendo palestinos desaparecer: Um projeto colonialista. In: L. SCHIOCCHET (org.), *Entre o Velho e o Novo Mundo: a Diáspora Palestina Desde o Oriente Médio*. São Paulo, Chiado Editora, p. 53-87.

SCHIOCCHET, L. 2015. Por uma Antropologia Assimétrica

da Palestinidade. In: L. SCHIOCCHET (org.), *Entre o Velho e o Novo Mundo: a Diáspora Palestina Desde o Oriente Médio*. São Paulo, Chiado Editora, p. 7-53.

SILVA, T.T. da. 2014. A produção social da identidade e diferença. In: T.T. da. SILVA (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, p. 73-103.

TAWIL-SOURI, H. 2009. New Palestinian centers: An ethnography of the 'checkpoint economy'. *International Journal of Cultural Studies*, **12**(3):217-235. Disponível em: [http://www.academia.edu/337076/New\\_Palestinian\\_Centers\\_An\\_Ethnography\\_of\\_the\\_checkpoint\\_economy](http://www.academia.edu/337076/New_Palestinian_Centers_An_Ethnography_of_the_checkpoint_economy). Acesso em: 10/10/2015. <https://doi.org/10.1177/1367877908101572>

TAWIL-SOURI, H. 2011a. Colored Identity: The Politics and Materiality of ID Cards in Palestine/Israel. *Social Text*, **29**(2):67-97. Disponível em: [http://www.academia.edu/661856/Colored\\_Identity\\_The\\_Politics\\_and\\_Materiality\\_of\\_ID\\_Cards\\_in\\_Palestine\\_Israel](http://www.academia.edu/661856/Colored_Identity_The_Politics_and_Materiality_of_ID_Cards_in_Palestine_Israel). Acesso em: 10/12/2015.

<https://doi.org/10.1215/01642472-1259488>

TAWIL-SOURI, H. 2011b. Qalandia checkpoint as space and non-place. *Space and Culture*, **14**(1):4-26. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1206331210389260>. Acesso em: 11/04/2016. <https://doi.org/10.1177/1206331210389260>

TAWIL-SOURI, H. 2012. Uneven borders, coloured (im)mobilities: ID cards in Palestine/Israel. *Geopolitics*, **17**(1):1-24. Disponível em: [http://www.academia.edu/1193024/Uneven\\_Borders\\_Coloured\\_Im\\_mobilities\\_ID\\_Cards\\_in\\_Palestine\\_Israel](http://www.academia.edu/1193024/Uneven_Borders_Coloured_Im_mobilities_ID_Cards_in_Palestine_Israel). Acesso em: 10/12/2015.

<https://doi.org/10.1080/14650045.2011.562944>

WOODWARD, K. 2014. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: T.T. da. SILVA (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, p. 7-73.

Submetido: 31/03/2017

Aceito: 18/09/2017